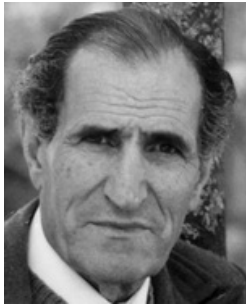


«««TRIBUNA DO VATE»»»
“OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA”



BIOGRAFIA DE Miguel Torga

MIGUEL TORGA, pseudónimo de Adolfo Correia Rocha, nasceu a 12.08.1907 em São Martinho de Anta (Concelho de Sabrosa - Trás-os-Montes) e faleceu em Coimbra a 17.01.1995. Proveniente duma família humilde e rural, cedo conheceu a dureza da vida no campo e a luta constante pela sobrevivência. Após uma breve passagem pelo Seminário de Lamego, emigrou para o Brasil com 13 anos, regressando a Portugal em 1925 onde concluiu o ensino liceal e se formou, em 1928, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. A obra de Miguel Torga tem um carácter humanista, derivado à sua ligação à terra natal; à Natureza e suas gentes. Notável pela técnica narrativa no conto, pela expressividade da sua

linguagem, frequentemente de cunho popular, deixou-nos vastas obras, onde se destaca o seu peculiar estilo poético. Em 1976 foi galardoado com o Prémio Internacional da Poesia, em 1981 o Prémio Montaigne e em 1985 com o Prémio Camões, entre vários outros. É considerado o Poeta do mundo rural e foi um dos mais importantes escritores portugueses do século XX.

LIBERDADE

- Liberdade, que estais no céu...
 Rezava o padre-nosso que sabia,
 A pedir-te, humildemente,
 O pão de cada dia.
 Mas a tua bondade onipotente
 Nem me ouvia.

- Liberdade, que estais na terra...
 E a minha voz crescia
 De emoção.
 Mas um silêncio triste sepultava
 A fé que ressumava
 Da oração.

Até que um dia, corajosamente,
 Olhei noutro sentido, e pude, deslumbrado,
 Saborear, enfim,
 O pão da minha fome.
 - Liberdade, que estais em mim,
 Santificado seja o vosso nome.



FLOR DA LIBERDADE

Sombra dos mortos, maldição dos vivos.
 Também nós... Também nós... E o sol recua.
 Apenas o teu rosto continua
 A sorrir como dantes,
 Liberdade!
 Liberdade do homem sobre a terra,
 Ou debaixo da terra.
 Liberdade!
 O não inconformado que se diz
 A Deus, à tirania, à eternidade.

Sepultos insepultos,
 Vivos amortalhados,
 Passados e presentes cidadãos:
 Temos nas nossas mãos
 O terrível poder de recusar!
 E é essa flor que nunca desespera
 No jardim da perpétua primavera.

VOZ ACTIVA

Canta, poeta, canta!
 Violenta o silêncio conformado.
 Cega com outra luz a luz do dia.
 Desassossega o mundo sossegado.
 Ensina a cada alma a sua rebeldia.